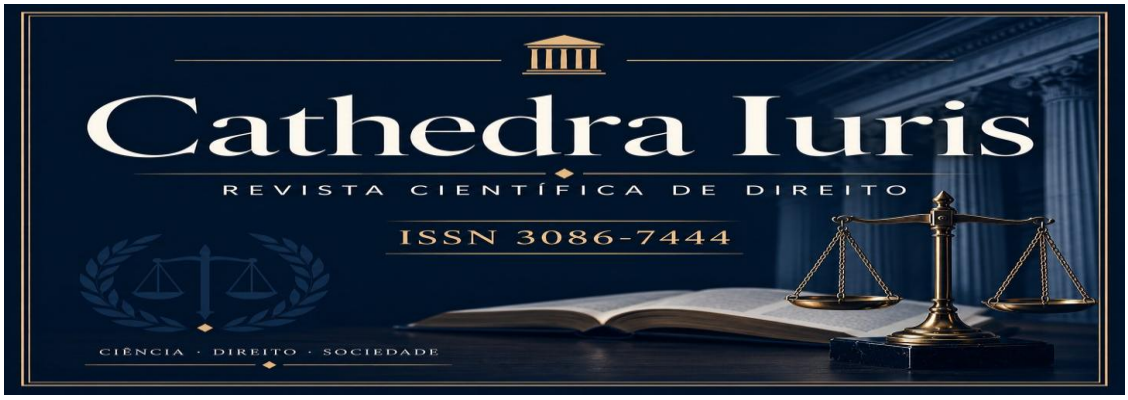


v1.n1.2026

HERMENÊUTICA: FUNDAMENTOS, DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO E CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA CIENTÍFICA

HERMENEUTICS: FOUNDATIONS, HISTORICAL DEVELOPMENT AND CONTRIBUTIONS TO SCIENTIFIC RESEARCH

HERMENÉUTICA: FUNDAMENTOS, DESARROLLO HISTÓRICO Y CONTRIBUCIONES A LA INVESTIGACIÓN CIENTÍFICA

Prof. Esp. Edson Roberto Berbel

https://doi.org/10.68222/44hh3w73

PUBLICADO 08.20026

RESUMO

A hermenêutica constitui um dos principais referenciais para a compreensão dos processos de interpretação, produção de sentidos e construção do conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais. Este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos, as transformações históricas e as contribuições da tradição hermenêutica para a pesquisa científica, considerando as obras de Friedrich Schleiermacher, Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Emilio Betti, E. D. Hirsch Jr., Jürgen Habermas, Richard E. Palmer, Jean Grondin, John D. Caputo e Umberto Eco. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-bibliográfico, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo, estruturado a partir da leitura comparativa de obras clássicas e de síntese. Os resultados evidenciam três grandes movimentos: a consolidação metodológico-epistemológica da interpretação, a virada ontológico-filosófica e os desdobramentos críticos e contemporâneos relacionados à validade, à linguagem, à historicidade e aos limites da interpretação. Conclui-se que a hermenêutica permanece relevante para pesquisas qualitativas por permitir compreender textos, discursos, narrativas, documentos e práticas sociais, desde que o pesquisador explicite o referencial adotado, os critérios interpretativos e a relação entre texto, contexto e argumentação.

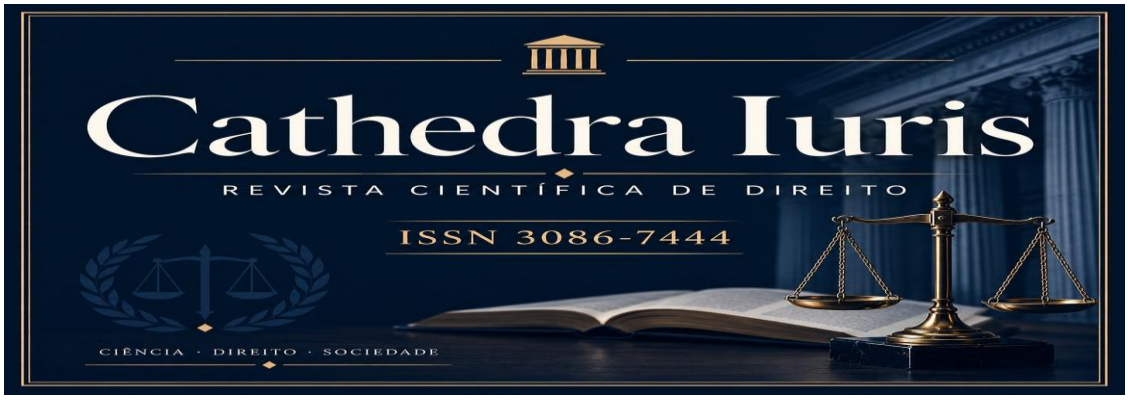
PALAVRAS-CHAVE: Hermenêutica. Interpretação. Compreensão. Pesquisa qualitativa. Filosofia.

ABSTRACT

Hermeneutics is one of the main theoretical frameworks for understanding processes of interpretation, meaning production and knowledge construction in the Human and Social Sciences. This article aims to analyze the foundations, historical transformations and contributions of the hermeneutic tradition to scientific research, considering the works of Friedrich Schleiermacher, Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Emilio Betti, E. D. Hirsch Jr., Jürgen Habermas, Richard E. Palmer, Jean Grondin, John D. Caputo and Umberto Eco. Methodologically, this is a theoretical-bibliographic study with a qualitative and analytical-interpretative approach, structured through the comparative reading of classical and synthetic works.

Professor universitário, formado em Licenciatura pela Universidade Guarulhos Editor-chefe das revistas da UNG e Editor-chefe da RECISATEC.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



v1.n1.2026

The results reveal three major movements: the methodological-epistemological consolidation of interpretation, the ontological-philosophical turn, and critical and contemporary developments concerning validity, language, historicity and the limits of interpretation.
It is concluded that hermeneutics remains relevant to qualitative research because it enables the understanding of texts, discourses, narratives, documents and social practices, provided that the researcher clearly states the adopted framework, interpretative criteria and the relationship among text, context and argumentation.

***KEYWORDS**: Hermeneutics. Interpretation. Understanding. Qualitative research. Philosophy.*

RESUMEN
La hermenéutica constituye uno de los principales referentes para la comprensión de los procesos de interpretación, producción de sentidos y construcción del conocimiento en las Ciencias Humanas y Sociales. Este artículo tiene como objetivo analizar los fundamentos, las transformaciones históricas y las contribuciones de la tradición hermenéutica a la investigación científica, considerando las obras de Friedrich Schleiermacher, Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Emilio Betti, E. D. Hirsch Jr., Jürgen Habermas, Richard E. Palmer, Jean Grondin, John D. Caputo y Umberto Eco. Metodológicamente, se trata de un estudio teórico-bibliográfico, de enfoque cualitativo y carácter analítico-interpretativo, estructurado a partir de la lectura comparativa de obras clásicas y de síntesis. Los resultados evidencian tres grandes movimientos: la consolidación metodológico-epistemológica de la interpretación, el giro ontológico-filosófico y los desarrollos críticos y contemporáneos relacionados con la validez, el lenguaje, la historicidad y los límites de la interpretación. Se concluye que la hermenéutica sigue siendo relevante para la investigación cualitativa, pues permite comprender textos, discursos, narrativas, documentos y prácticas sociales, siempre que el investigador explicite el marco adoptado, los criterios interpretativos y la relación entre texto, contexto y argumentación.

***PALABRAS CLAVE**: Hermenéutica. Interpretación. Comprensión. Investigación cualitativa. Filosofía.*

1 INTRODUÇÃO

A hermenêutica ocupa posição de destaque na história das ideias por se dedicar ao problema da compreensão. Muito antes de se constituir como disciplina filosófica, a interpretação esteve associada à necessidade de esclarecer textos jurídicos, religiosos e literários. No entanto, ao longo da modernidade, a hermenêutica ultrapassou o estatuto de técnica auxiliar e passou a investigar as próprias condições sob as quais o sentido pode ser compreendido. Essa

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

transformação alterou profundamente a forma como diferentes áreas das Ciências Humanas passaram a conceber a relação entre sujeito, linguagem, história, texto e conhecimento.

Interpretar significa lidar com algo que não se oferece de maneira inteiramente transparente. Textos, discursos, documentos, símbolos, instituições, práticas sociais e experiências humanas possuem sentidos que dependem de contextos de produção, circulação e recepção. Por isso, a interpretação não pode ser reduzida a uma operação mecânica. Ela exige atenção às relações entre partes e totalidade, ao contexto histórico, às expectativas do intérprete e aos critérios que permitem justificar determinada leitura diante de outras possibilidades.

A tradição hermenêutica moderna encontra em Friedrich Schleiermacher um de seus marcos fundamentais. Ao defender uma hermenêutica de alcance geral, Schleiermacher contribuiu para retirar a interpretação de seu confinamento em campos particulares, como a teologia e a filologia. Wilhelm Dilthey amplia essa discussão ao relacionar compreensão e historicidade, utilizando a hermenêutica como fundamento das Ciências Humanas. Mais tarde, Martin Heidegger promove uma inflexão decisiva ao compreender a interpretação como dimensão constitutiva do modo humano de existir.

Hans-Georg Gadamer desenvolve essa virada ontológica em uma hermenêutica filosófica na qual tradição, linguagem, historicidade, preconceito e diálogo tornam-se categorias fundamentais. Paul Ricoeur, por sua vez, articula hermenêutica, fenomenologia, símbolo, discurso e narrativa, proporcionando instrumentos especialmente relevantes para pesquisas que trabalham com textos e produções simbólicas. A essas contribuições somam-se os debates de Emilio Betti e E. D. Hirsch Jr. sobre validade e objetividade, de Jürgen Habermas sobre crítica e poder, de Richard E. Palmer e Jean Grondin sobre sistematização histórica, de John D. Caputo sobre hermenêutica radical e de Umberto Eco sobre os limites da interpretação.

A diversidade dessas perspectivas mostra que a hermenêutica não constitui um bloco teórico homogêneo. Existem diferenças expressivas quanto ao estatuto do autor, do texto, do intérprete, da tradição e da linguagem. Em alguns autores, predomina a busca por critérios de reconstrução do significado; em outros, destaca-se a historicidade constitutiva da compreensão; em outros ainda, ganha relevo a crítica às pretensões de objetividade absoluta ou, inversamente, a necessidade de limitar interpretações arbitrárias.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Para a pesquisa científica, especialmente de natureza qualitativa, essas diferenças são relevantes porque a expressão “abordagem hermenêutica” pode designar procedimentos e pressupostos distintos. Um estudo inspirado em Gadamer não trabalha necessariamente da mesma forma que uma análise influenciada por Ricoeur, Betti ou Habermas. Assim, explicitar o referencial e seus conceitos estruturantes constitui condição de rigor teórico.

Este artigo tem como objetivo analisar os fundamentos, as transformações históricas e as contribuições da hermenêutica para a pesquisa científica, considerando doze autores de reconhecida relevância: Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, Gadamer, Ricoeur, Betti, Hirsch Jr., Habermas, Palmer, Grondin, Caputo e Eco. Busca-se evidenciar continuidades, rupturas e tensões que estruturam o campo, destacando particularmente sua utilidade para a interpretação de fenômenos humanos e sociais.

2 MÉTODO

O estudo caracteriza-se como pesquisa teórico-bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter analítico-interpretativo. A opção por esse delineamento decorre do propósito de examinar conceitos e movimentos históricos relacionados à hermenêutica a partir de obras fundamentais e de síntese produzidas por autores representativos do campo.

O corpus teórico foi delimitado a partir de doze autores: Friedrich Schleiermacher, Wilhelm Dilthey, Martin Heidegger, Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur, Emilio Betti, E. D. Hirsch Jr., Jürgen Habermas, Richard E. Palmer, Jean Grondin, John D. Caputo e Umberto Eco. A seleção contempla autores fundadores, representantes da virada ontológica, formuladores da hermenêutica filosófica e pensadores que ampliaram o debate para questões de validade, crítica, linguagem, desconstrução e limites da interpretação.

A análise foi organizada em eixos conceituais: universalização da hermenêutica; compreensão e Ciências Humanas; ontologia da compreensão; tradição, linguagem e fusão de horizontes; texto, símbolo e narrativa; validade e objetividade interpretativa; crítica da tradição e das relações de poder; sistematização histórica; hermenêutica radical; e limites da interpretação. Os textos foram examinados de maneira comparativa, buscando-se identificar aproximações, distinções, continuidades e rupturas.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Os resultados apresentados não correspondem a dados empíricos produzidos por entrevistas, experimentos ou questionários. Eles resultam da síntese interpretativa do material bibliográfico selecionado, organizada de modo a evidenciar tendências, tensões e contribuições da tradição hermenêutica para a pesquisa científica.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Hermenêutica, interpretação e círculo hermenêutico

A hermenêutica pode ser compreendida, em sentido amplo, como reflexão sistemática sobre a interpretação. Palmer (1969) demonstra que o termo abrange diferentes tradições, desde a exegese até a reflexão filosófica sobre a compreensão. Essa pluralidade histórica explica por que não existe uma definição única e imutável de hermenêutica. Seu significado transformou-se conforme se modificaram os problemas teóricos colocados à interpretação.Schleiermacher (1998) é decisivo nesse percurso porque propõe uma hermenêutica geral. Em vez de limitar a interpretação a textos considerados obscuros ou a gêneros específicos, ele a concebe como tarefa necessária à compreensão de qualquer discurso. Essa perspectiva amplia a hermenêutica e a aproxima de uma teoria geral da comunicação e da compreensão.

Na proposta schleiermacheriana, a interpretação apresenta uma dimensão gramatical e uma dimensão vinculada à individualidade do autor. A primeira considera a língua, seu uso e suas possibilidades sintáticas e semânticas; a segunda busca compreender o discurso como expressão singular. A articulação dessas dimensões demonstra que o sentido não pode ser apreendido apenas pela soma de palavras isoladas.

O círculo hermenêutico emerge como princípio importante. A compreensão das partes depende do todo, enquanto a apreensão do todo é constantemente reformulada pela interpretação das partes. O movimento circular não representa simples repetição, mas um processo de refinamento progressivo do entendimento. Em pesquisas qualitativas, essa dinâmica ajuda a compreender por que a análise de entrevistas ou documentos frequentemente exige retornar ao material após a construção de categorias provisórias.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Cathedra Iuris
REVISTA CIENTÍFICA DE DIREITO
ISSN 3086-7444
CIÊNCIA · DIREITO · SOCIEDADE

v1.n1.2026

3.2 Dilthey e a compreensão nas Ciências Humanas

Dilthey (1996) amplia a hermenêutica ao relacioná-la à fundamentação epistemológica das Ciências Humanas. Seu problema central consiste em reconhecer que o mundo humano não pode ser apreendido exclusivamente mediante categorias explicativas modeladas pelas Ciências Naturais. Fenômenos humanos são históricos, simbólicos e dotados de significação.

A distinção entre explicar e compreender ocupa posição central. Explicar implica estabelecer relações causais, enquanto compreender envolve apreender sentidos constituídos na experiência e na história. A distinção não exige negar a explicação, mas impede que ela seja tomada como único modelo legítimo de conhecimento.

Para Dilthey, vida, expressão e compreensão estão profundamente vinculadas. A experiência humana exterioriza-se em textos, obras, instituições, práticas e documentos. A interpretação dessas objetivações permite reconstruir sentidos e relações históricas. Essa perspectiva contribui para legitimar metodologicamente a investigação qualitativa de fenômenos culturais e sociais.

A historicidade também transforma a posição do pesquisador. Quem interpreta está inserido em uma tradição e possui uma experiência histórica própria. Isso significa que a compreensão é sempre situada. A hermenêutica diltheyana, embora ainda preocupada com fundamentação metodológica, prepara o caminho para a radicalização ontológica promovida por Heidegger.

3.3 Heidegger e a virada ontológica

Em Heidegger (2012), a hermenêutica deixa de ser primordialmente um método de interpretação para tornar-se reflexão sobre o próprio modo de ser humano. A compreensão é concebida como estrutura existencial. O ser humano não primeiro existe e depois interpreta; ele se encontra no mundo já compreendendo possibilidades, relações e significados. Essa mudança é conhecida como virada ontológica da hermenêutica. O foco desloca-se da questão sobre técnicas corretas de interpretação para a investigação das condições que tornam possível compreender. A existência humana é sempre situada, temporal e projetada em possibilidades, de modo que interpretar faz parte da própria abertura ao mundo.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Cathedra Iuris
REVISTA CIENTÍFICA DE DIREITO
ISSN 3086-7444
CIÊNCIA · DIREITO · SOCIEDADE

v1.n1.2026

O círculo hermenêutico assume novo sentido. Toda interpretação parte de estruturas prévias, expectativas e possibilidades de compreensão. Não há um ponto absolutamente neutro a partir do qual o intérprete possa observar o fenômeno sem qualquer pressuposto. O desafio não é eliminar toda antecipação, mas torná-la consciente e submetê-la ao confronto com aquilo que se busca compreender.

Para a pesquisa científica, essa perspectiva exige reflexividade. O pesquisador precisa considerar que sua formação, linguagem, contexto institucional e perguntas de pesquisa influenciam o modo como o objeto é interpretado. Tal reconhecimento não invalida o conhecimento, mas amplia a responsabilidade de explicitar pressupostos e procedimentos.

3.4 Gadamer: tradição, linguagem e fusão de horizontes

Gadamer (2015) aprofunda a transformação heideggeriana ao desenvolver a hermenêutica filosófica. Seu interesse não se concentra em formular um manual de técnicas, mas em compreender como a compreensão acontece. Para isso, examina a experiência da arte, da história e da linguagem, mostrando que a verdade não pode ser reduzida à aplicação de um método de inspiração naturalista.

Um dos conceitos centrais de Gadamer é o preconceito. O termo não aparece apenas em sentido negativo. Preconceitos são antecipações ou juízos prévios que compõem a situação histórica do intérprete. Todo ato de compreensão parte de pressupostos. A tarefa hermenêutica consiste em colocá-los em jogo diante do objeto, permitindo que alguns sejam confirmados e outros transformados.

A tradição também não é concebida simplesmente como obstáculo. Ela fornece linguagens, questões e horizontes de compreensão. Pertencer a uma tradição significa participar de uma história que antecede o intérprete. A consciência dessa pertença impede a ilusão de que a interpretação possa começar em um ponto completamente exterior à história.

A fusão de horizontes expressa o encontro entre o horizonte do intérprete e aquele do texto, evento ou tradição interpretada. Compreender não significa reproduzir de forma absoluta o passado nem impor ao objeto categorias atuais. Significa criar uma relação em que o horizonte presente se amplia no contato com outro horizonte.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A linguagem é o meio fundamental desse processo. Para Gadamer, a experiência hermenêutica é essencialmente linguística. O diálogo torna-se modelo da compreensão: interpretar exige disposição para ouvir, perguntar e permitir que o objeto questione expectativas prévias. Essa abertura é particularmente relevante em investigações qualitativas que trabalham com narrativas, depoimentos e documentos.

3.5 Ricoeur: discurso, texto, símbolo e narrativa

Ricoeur (1987) desenvolve uma hermenêutica que articula fenomenologia, linguagem, discurso, símbolo e narrativa. Sua obra é especialmente importante para pesquisas centradas em textos porque procura compreender como o discurso, uma vez fixado pela escrita, adquire autonomia relativa em relação à situação imediata em que foi produzido.

O texto não se reduz à intenção psicológica do autor. Ao ser escrito, torna-se disponível a novos leitores e contextos. Essa autonomia não significa liberdade interpretativa ilimitada; o próprio texto oferece estruturas, referências e relações internas que orientam a compreensão.

Ricoeur também procura superar a oposição rígida entre explicação e compreensão. A análise das estruturas do texto pode constituir etapa necessária da interpretação. Explicar e compreender podem integrar um mesmo arco hermenêutico, em que procedimentos analíticos ajudam a construir uma leitura mais consistente.

Símbolos, metáforas e narrativas revelam a capacidade da linguagem de produzir sentidos que excedem a literalidade. Para a pesquisa qualitativa, essa perspectiva é valiosa porque discursos e narrativas não são simples repositórios de dados, mas formas de configuração da experiência. Interpretá-los significa investigar como o sentido é produzido, organizado e projetado.

3.6 Betti e Hirsch Jr.: objetividade e validade interpretativa

Emilio Betti (1955) desenvolve uma teoria geral da interpretação marcada pela preocupação com a objetividade. Para o autor, o intérprete deve respeitar a autonomia do objeto e procurar reconstruir significados nele objetivados. Sua posição representa contraponto importante às vertentes que enfatizam fortemente a historicidade do intérprete.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Cathedra Iuris
REVISTA CIENTÍFICA DE DIREITO
ISSN 3086-7444
CIÊNCIA · DIREITO · SOCIEDADE

v1.n1.2026

A questão central é impedir que interpretar se transforme em projeção subjetiva. A participação do intérprete é inevitável, mas precisa ser disciplinada por critérios. Essa preocupação aproxima Betti de problemas contemporâneos de validade e transparência na análise qualitativa.

Hirsch Jr. (1967) também se dedica à validade da interpretação, defendendo a necessidade de distinguir significado e significância. Sua reflexão atribui grande importância à intenção autoral e procura estabelecer condições para justificar que uma interpretação seja preferível a outra.

Embora suas propostas sejam distintas das de Gadamer, Betti e Hirsch Jr. lembram que pluralidade interpretativa não equivale a arbitrariedade. Em ciência, interpretações precisam ser sustentadas por evidências, coerência conceitual e argumentação.

3.7 Habermas e a crítica da compreensão

Habermas (1977) introduz uma dimensão crítica no debate com Gadamer. A compreensão da tradição e da linguagem não pode ignorar que relações sociais podem ser atravessadas por poder, dominação e comunicação distorcida. Determinados consensos podem resultar não de entendimento livre, mas de condições assimétricas.

Essa perspectiva amplia a hermenêutica ao perguntar não apenas como um discurso pode ser compreendido, mas também quais interesses, estruturas sociais e relações de poder condicionam sua produção. Em pesquisas sociais, essa contribuição é relevante para análises de discursos institucionais, políticas públicas, educação, trabalho e outras áreas marcadas por conflitos e desigualdades.

A crítica habermasiana não elimina a necessidade de compreensão. Ela sugere que compreender e criticar podem ser operações complementares. Um discurso pode ser interpretado em seu contexto histórico e, ao mesmo tempo, examinado quanto às estruturas de poder que o sustentam.

3.8 Palmer e Grondin: sistematização histórica da hermenêutica

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Palmer (1969) oferece uma sistematização abrangente da tradição hermenêutica e mostra como seu significado passou por diferentes estágios: interpretação bíblica, metodologia filológica, fundamento das Ciências Humanas e reflexão filosófica. Sua contribuição é particularmente útil para evitar o uso genérico da palavra hermenêutica.

Grondin (1994) reconstrói historicamente a hermenêutica filosófica e esclarece a continuidade entre autores clássicos e contemporâneos. Sua análise evidencia que Gadamer não inaugura um campo inteiramente novo, mas reelabora problemas que atravessam uma tradição longa e complexa.

Para pesquisadores, Palmer e Grondin desempenham função didática e teórica importante: ajudam a situar conceitos, distinguir correntes e compreender os pressupostos que acompanham a adoção de determinada abordagem hermenêutica.

3.9 Caputo e a hermenêutica radical

Caputo (1987) coloca a hermenêutica em diálogo com a desconstrução e problematiza a busca por fundamentos definitivos. A chamada hermenêutica radical enfatiza abertura, repetição, diferença e instabilidade, questionando a expectativa de alcançar um sentido final que encerre permanentemente a interpretação.

Essa perspectiva não precisa ser confundida com relativismo absoluto. O ponto central é reconhecer que a compreensão permanece aberta à revisão porque novos contextos, perguntas e relações podem modificar o horizonte interpretativo. Para a ciência, isso sugere que resultados qualitativos devem ser compreendidos como interpretações fundamentadas, mas não como encerramentos definitivos do fenômeno.

3.10 Eco e os limites da interpretação

Eco (1992) dedica atenção especial aos limites interpretativos. Sua contribuição é relevante para a hermenêutica porque enfrenta o risco de transformar a abertura do texto em autorização para qualquer leitura. Um texto pode admitir múltiplas interpretações sem admitir indistintamente todas as interpretações imagináveis. A estrutura textual, as relações semânticas e o contexto oferecem restrições. Interpretar exige demonstrar de que modo a leitura proposta

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

encontra sustentação no objeto. Essa exigência aproxima a reflexão de Eco das preocupações metodológicas da pesquisa acadêmica.

Em análises qualitativas, a perspectiva de Eco reforça a necessidade de evidenciar o percurso interpretativo, apresentar excertos ou elementos do corpus e construir argumentos verificáveis. A criatividade interpretativa não dispensa responsabilidade teórica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa dos doze autores permite identificar três grandes movimentos históricos e conceituais. O primeiro corresponde à consolidação metodológico-epistemológica da hermenêutica; o segundo, à virada ontológico-filosófica; o terceiro, aos desdobramentos críticos e contemporâneos centrados em validade, poder, linguagem e limites da interpretação.

No primeiro movimento, Schleiermacher e Dilthey exercem papel decisivo. Schleiermacher amplia a interpretação para uma hermenêutica geral, enquanto Dilthey transforma a compreensão em fundamento das Ciências Humanas. Em ambos, a hermenêutica está diretamente relacionada ao problema de alcançar significado de maneira sistemática, embora Dilthey acrescente a historicidade como componente essencial.

O segundo movimento inicia-se com Heidegger. A interpretação deixa de ser vista prioritariamente como operação metodológica e passa a integrar a estrutura da existência. Gadamer desenvolve essa concepção ao mostrar que toda compreensão está atravessada por tradição, linguagem e historicidade. O intérprete não observa o objeto a partir de um vazio histórico, mas participa de uma situação que condiciona e possibilita a compreensão. Ricoeur ocupa posição de mediação entre a dimensão filosófica e a análise concreta do texto. Sua teoria da interpretação mostra que discursos e narrativas podem ser analisados sem reduzir a interpretação à intenção subjetiva do autor. O texto adquire autonomia e abre um mundo possível ao leitor, mas mantém estruturas que orientam a leitura.

Um terceiro conjunto de resultados surge das discussões sobre validade. Betti e Hirsch Jr. enfatizam critérios capazes de evitar subjetivismo, enquanto Eco demonstra que a abertura textual não significa permissividade ilimitada. Essas contribuições são especialmente relevantes

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

em pesquisas qualitativas porque lembram que a participação do pesquisador precisa ser acompanhada por justificativas explícitas.

A crítica de Habermas acrescenta outra dimensão: a linguagem não ocorre em espaço social neutro. Relações de poder podem influenciar o que é dito, quem pode dizer, quais discursos se tornam legítimos e quais são marginalizados. Essa questão amplia o alcance da hermenêutica e a aproxima de perspectivas críticas das Ciências Sociais.

Palmer e Grondin cumprem uma função de sistematização e esclarecimento histórico. Suas obras mostram que a hermenêutica contemporânea resulta de múltiplas transformações e que a adoção de uma abordagem hermenêutica requer consciência de sua tradição conceitual. Caputo, por sua vez, enfatiza que a interpretação permanece aberta e nunca se estabiliza em fundamento absoluto.

Os resultados revelam ainda uma tensão recorrente entre objetividade e historicidade. De um lado, Betti, Hirsch Jr. e Eco lembram que a interpretação necessita de limites e critérios. De outro, Heidegger, Gadamer e Ricoeur demonstram que a compreensão é situada e mediada pela linguagem. Essa tensão não precisa ser resolvida pela escolha exclusiva de um dos polos. Em pesquisa científica, pode ser tratada como exigência de reflexividade associada a procedimentos de validação argumentativa.

A centralidade da linguagem constitui outro achado transversal. Desde Schleiermacher até Gadamer e Ricoeur, a linguagem aparece como dimensão decisiva da compreensão. Não há acesso simples a uma realidade humana inteiramente independente de formas linguísticas e simbólicas. Por isso, a análise hermenêutica exige atenção ao modo como o sentido é construído no discurso.

Também se observa que o círculo hermenêutico permanece uma categoria estruturante, ainda que reformulada. Em Schleiermacher, ele articula partes e totalidade do texto; em Heidegger e Gadamer, expressa a condição prévia e histórica da compreensão; em pesquisas qualitativas contemporâneas, pode ser entendido como movimento iterativo entre material, categorias, contexto e interpretação.

Do ponto de vista científico, os autores analisados permitem sustentar que a hermenêutica é especialmente adequada a problemas de pesquisa nos quais o objetivo não se limita à mensuração, mas envolve compreender significados, experiências, práticas, discursos e

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

narrativas. Sua aplicação é pertinente em educação, saúde, direito, sociologia, antropologia, psicologia, estudos culturais e demais campos que investigam fenômenos humanos simbolicamente mediados.

Entretanto, a mera declaração de uso da hermenêutica não garante rigor. Um estudo precisa explicitar qual tradição orienta a análise, como o corpus foi constituído, de que forma o pesquisador realizou o movimento interpretativo e quais critérios sustentam as conclusões. A contribuição conjunta de Gadamer, Ricoeur, Betti, Hirsch Jr. e Eco mostra que abertura interpretativa e rigor não são termos necessariamente incompatíveis.

A comparação permite ainda compreender que a hermenêutica contemporânea não se restringe à reconstrução do passado. Ela pode ser utilizada para interpretar fenômenos atuais porque investiga os modos pelos quais sentidos são constituídos e disputados. Nesse aspecto, a dimensão crítica apresentada por Habermas e a abertura radicalizada por Caputo ampliam a capacidade da hermenêutica de dialogar com questões sociais complexas.Assim, os doze autores analisados não formam uma sequência linear ou homogênea, mas um campo de tensões produtivas. A hermenêutica se desenvolve justamente pela confrontação entre reconstrução e criação de sentido, tradição e crítica, objetividade e historicidade, estabilidade e abertura.

5 CONSIDERAÇÕES GERAIS

O estudo demonstrou que a hermenêutica passou por profundas transformações históricas, deixando de ser compreendida apenas como técnica de interpretação textual para constituir uma reflexão ampla sobre compreensão, linguagem, historicidade e existência.
Schleiermacher representa um momento decisivo de universalização da interpretação; Dilthey amplia sua relevância para as Ciências Humanas; Heidegger promove a virada ontológica; Gadamer consolida a hermenêutica filosófica; e Ricoeur estabelece mediações fundamentais entre discurso, texto, símbolo e narrativa.

Betti e Hirsch Jr. reforçam a necessidade de discutir validade e objetividade, enquanto Habermas demonstra que a interpretação precisa considerar relações de poder e possíveis distorções comunicativas. Palmer e Grondin contribuem para a compreensão histórica

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

do campo; Caputo acentua sua abertura; e Eco explicita os limites que impedem a interpretação de se converter em arbitrariedade.

Conclui-se que a hermenêutica oferece uma base teórica relevante para pesquisas qualitativas voltadas à interpretação de fenômenos humanos. Sua força reside na capacidade de articular texto, contexto, linguagem, tradição, experiência e historicidade, permitindo compreender sentidos sem reduzir o fenômeno a relações puramente causais.

Ao mesmo tempo, o reconhecimento da participação do intérprete aumenta, e não diminui, a exigência de rigor. O pesquisador precisa tornar visíveis seus pressupostos, justificar seus procedimentos, confrontar suas interpretações com o corpus e apresentar argumentos capazes de serem examinados por outros pesquisadores.

A hermenêutica permanece, portanto, um campo fértil para a produção do conhecimento científico. Ao reconhecer que toda compreensão é situada e linguisticamente mediada, ela oferece instrumentos para interpretar a complexidade dos fenômenos sociais e humanos. Ao insistir na necessidade de diálogo com o objeto e na justificativa das interpretações, também contribui para uma prática científica reflexiva, crítica e responsável.

REFERÊNCIAS

BETTI, Emilio. Teoria generale della interpretazione. Milano: Giuffrè, 1955.

CAPUTO, John D. Radical hermeneutics: repetition, deconstruction, and the hermeneutic project. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

DILTHEY, Wilhelm. Selected works. Volume IV: Hermeneutics and the study of history. Edited by Rudolf A. Makkreel and Frithjof Rodi. Princeton: Princeton University Press, 1996.

ECO, Umberto. Os limites da interpretação. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Difel, 1992.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GRONDIN, Jean. Introduction to philosophical hermeneutics. Translated by Joel Weinsheimer. New Haven: Yale University Press, 1994.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

HABERMAS, Jürgen. A review of Gadamer's Truth and Method. In: DALLMAYR, Fred R.; McCARTHY, Thomas A. (ed.). Understanding and social inquiry. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1977.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HIRSCH JR., E. D. Validity in interpretation. New Haven: Yale University Press, 1967.

PALMER, Richard E. Hermeneutics: interpretation theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer. Evanston: Northwestern University Press, 1969.

RICOEUR, Paul. Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1987.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. Hermeneutics and criticism: and other writings. Edited and translated by Andrew Bowie. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.